

# **EDUCAÇÃO SEXUAL: UM ESTUDO PRÉVIO SOBRE O PAPEL DOS PAIS E PSICÓLOGOS NA FORMAÇÃO DOS ADOLESCENTES**

<sup>1</sup>SANTOS, Joyce do Carmo, <sup>1</sup>RODRIGUES, Leila Pereira, <sup>1</sup>PEREIRA, Warley Gomes  
<sup>2</sup>PEÇANHA, Tatiana Santos Luchi

<sup>1</sup>Acadêmicas do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade Multivix - Cariacica

<sup>2</sup>MBA Gestão de Pessoas e Professora da Faculdade Multivix - Cariacica

## **RESUMO**

O artigo em questão é uma pesquisa qualitativa que adotou o método de análise bibliográfica, cujo objetivo principal foi apresentar através da literatura, o que é educação sexual e qual o papel dos pais na adolescência. A construção do referido material se torna relevante devido à dificuldade na abordagem do tema sexualidade, de como este é cercado por estigmas, tabus e na falta de material atualizado construído pela psicologia. A educação sexual se faz fundamental pois tem total importância no processo do desenvolvimento psicosssexual, além do seu claro papel de instrução, que visa contribuir para a diminuição de IST's, gravidez sem planejamento e casos de violência sexual contra a criança e o adolescente. Ao longo da produção do material, nos deparamos com diversos dados alarmantes que demonstram a importância de se desenvolver um trabalho com diversas frentes, para isso serão apresentadas informações básicas sobre a adolescência e sexualidade, além de algumas orientações de como pais e profissionais de psicologia podem atuar.

**Palavras-chave:** Adolescência, sexualidade, orientação, educação

## **1. INTRODUÇÃO**

A adolescência é marcada por mudanças biopsicossociais, onde Lima (2013), aponta como sendo uma das fases mais complexas da vida, que envolve questionamentos, mudanças e preocupações com a autoimagem, além de dúvidas acerca da sexualidade, do sentido da vida, incertezas e angústias quanto a profissão, o que leva muitas vezes esse adolescente a se perceber diferente da criança que fora, fazendo com que ele busque novas ferramentas, e se distancie das suas referências familiares, se opondo a elas em certas ocasiões para então ter sua própria identidade, seu estilo, para assim se reconhecer e encontrar seu espaço na sociedade (FICHER et al., 2018).

A sexualidade faz parte de todo e qualquer ser humano, o acompanha ao longo de seu desenvolvimento sendo responsável por várias de suas ações e decisões ao longo de sua história, também influencia diretamente em diversas questões sociais e culturais, sendo reverenciada ou rejeitada por diversos grupos. Uma temática tão importante e tão presente no desenvolvimento humano deve ser tema de estudos e compor uma pauta importante na educação de crianças e adolescentes, e para que este trabalho seja devidamente desenvolvido é necessário promover um espaço crítico e reflexivo, onde tal assunto possa ser debatido livre e abertamente, pautado em informações confiáveis, onde a sexualidade possa ser tratada de forma positiva, como uma parte natural da vida (MAIA, RIBEIRO, 2011).

Ao longo das pesquisas e leituras pudemos perceber que ao falarmos sobre a adolescência, não podemos deixar a sexualidade de lado, pois ao contrário do que muitos acreditam, este tema envolve nossas relações afetivas, nossa percepção de papel no mundo, as mudanças biológicas do corpo e o próprio ato sexual. Essas afirmativas serão apresentadas ao longo dos temas discutidos no artigo e são parte vital do entendimento necessário para se tecer um trabalho adequado junto aos adolescentes.

No decorrer do artigo, alguns dos autores apresentados reforçam que ao falarmos sobre a sexualidade nos deparamos com um grande tabu, pois para muitos existe uma espécie de proibição ao falar sobre este tema, porém, ao analisarmos as notícias e o cenário em que vivemos, a falta de informações não tem impedido que as práticas sexuais aconteçam, mas tem contribuído grandemente para que muitos adolescentes tenham experiências desprotegidas, que podem ter resultados como a gravidez indesejada, ou mesmo uma infecção sexualmente transmissível (IST).

Este cenário fica nítido, pois de acordo com dados divulgados pelo Ministério da Saúde (2021), foram registrados cerca 1 milhão de novos casos de infecções sexualmente transmissíveis em 2019 no Brasil. A Agência IBGE Notícias (2021), reforça o estado crítico do cenário ao apontar que “uma em cada cinco escolares sofreu violência sexual” e “64,6% dos homens com 15 anos ou mais de idade já eram pais em 2019”. Estes números assustam e ao mesmo tempo acendem um alerta vermelho sobre como o tema sexualidade é ou não abordado na sociedade.

O presente artigo busca trabalhar a sexualidade na adolescência, para desenvolver tal assunto iremos trabalhar a definição da adolescência, a sexualidade e a educação sexual, o papel dos pais na educação sexual, o papel do psicólogo na clínica e com os pais de adolescentes.

A escolha da temática se deu através da percepção social sobre como o tema sexualidade é cercado por desinformações e tabus, principalmente para adolescentes. Esta percepção foi corroborada principalmente pelos dados apresentados anteriormente. O estudo se torna relevante pois poderá fomentar o início de debates e práticas que tenham como objetivo informar e desmistificar tal assunto. Partindo deste cenário, chegamos ao seguinte questionamento: O que é educação sexual e qual o papel dos pais e psicólogos no processo da adolescência? O presente trabalho tem como objetivo ampliar e sistematizar o conhecimento sobre a sexualidade na adolescência.

## **2. METODOLOGIA**

O desenvolvimento da presente pesquisa, teve como objetivo geral a descrição do que é educação sexual e qual o papel dos pais na adolescência. No entanto, realizou-se uma revisão de análise bibliográfica, utilizando a abordagem qualitativa que de acordo com Guerra (2014), a pesquisa qualitativa é o estudo da experiência humana, uma vez que há uma interação social entre as pessoas de forma que elas interpretam e dão sentido, sendo assim estudos relacionados a ciências humanas e sociais.

A revisão foi feita nos meses de agosto e outubro de 2021, se atendo a documentos científicos, elaborados no período de 1997 a 2021, no idioma português.

Foram utilizados os seguintes descritores “Adolescência”, “Sexualidade”, “Afetividade”, “Puberdade”, “Alterações biopsicossociais na adolescência”, “Desenvolvimento humano”, “Gravidez na adolescência” e “Métodos contraceptivos”. As publicações foram coletadas a partir dos seguintes bancos de dados: SciELO, BVSPsi, Google Acadêmico, PePSIC. Realizou-se também levantamento bibliográfico

por meio de Fichamento em livros de referência de autores clássicos e fontes impressas de acervos de revistas que publicam artigos sobre os seguintes descritores: educação sexual e papel dos pais na adolescência, psicólogo. Foi realizando também leituras sistemáticas com o objetivo de extrair do texto, trechos que fossem significativos para a pesquisa, com o objetivo de responder à questão proposta.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Se faz importante destacar a escassez de artigos que tratem a temática, o número se torna mais limitado se considerarmos apenas aqueles que foram produzidos na área da psicologia, por esse motivo muitos dos materiais utilizados são das áreas de enfermagem e de pedagogia. Em contrapartida, durante as pesquisas foram encontrados alguns dados que corroboram e validam a importância do tema aqui desenvolvido, são notícias veiculadas através de órgãos governamentais que demonstram a necessidade de se desenvolver um plano de ensino sobre a sexualidade em nosso país.

Segundo Cristina Crelier (2021), uma em cada cinco adolescentes meninas, entre 13 e 17 anos, já foi tocada, manipulada, beijada ou teve partes do seu corpo expostas sem a sua vontade. A matéria ainda aponta que 8,8% das meninas, sendo a maioria menor de 14 anos, foram forçadas ao sexo. Quanto aos meninos a porcentagem é um pouco menor, apenas 14,6% relataram já terem sofrido algum tipo de violência sexual. A matéria ainda aponta que ao citar os principais agressores os adolescentes indicaram “namorado ou namorada (29,1%), amigos (24,8%), pessoas desconhecidas (20,7%), outros familiares (16,4%) e pai, mãe ou responsável (6,3%)”. Crelier ainda ressalta que muitos desses casos de violência podem surgir através de uma “brincadeira” e em grande parte dos casos a vítima tem relações afetivas com o agressor, tornando o processo de denúncia muito mais complicado.

Ainda dentro das problemáticas encontradas, Umberlândia Cabral (2021) aponta que 19% dos jovens entre 15 e 29 anos são pais, desse número 7,3% não queriam ter filhos ou não querem ter mais filhos. A matéria ainda aponta que a escolaridade demonstra impactar diretamente nessa proporção, já que desse público, 76,8% não tem instrução ou tem apenas o ensino fundamental incompleto.

Outro ponto chave dessa temática são as ISTs, que de acordo com o Ministério da Saúde (2021) atingiram 0,6% da população com 18 anos ou mais em 2019. Esta porcentagem pode parecer irrelevante, entretanto corresponde a 1 milhão de casos registrados, tornando-se assim um dos problemas que geram maior impacto sobre o sistema público de saúde, segundo a matéria. Outro dado alarmante levantado na matéria foi que entre os indivíduos que tiveram relações sexuais nos 12 meses anteriores “apenas 22,8% (ou 26,6 milhões de pessoas) usaram preservativo em todas as relações sexuais. 17,1% dos entrevistados afirmaram usar às vezes, e 59,0% em nenhuma vez.”.

A partir do cenário indicado pelos dados apresentados e pela percepção empírica social, chegou-se à temática que será desenvolvida ao longo do trabalho com base nos conteúdos encontrados na revisão bibliográfica.

### **3.1 Definição de adolescência**

De acordo com Rücker (2015), o conceito de adolescência deriva do latim *adolescere*, que significa crescer até a maturidade, sendo, portanto, uma fase de transição da infância para a adolescência, onde o indivíduo encontra-se em um constante processo, de treinamento para a fase adulta, e acontece diferentes mudanças biopsicossociais.

A palavra “adolescente” vem do participio presente do verbo latim *adolescere*, que significa “crescer”. Crescer torna-se perceptível por meio das mudanças corporais “repentinas” iniciadas com a puberdade, que provocam questionamentos psicológicos, gerando uma crise de adaptação. O adolescente sofre uma ação, em decorrência da ebulição dos hormônios, e é modificado e influenciado por ela. (MIRABELLA, 2013, p.14).

Quando falamos dessa faixa etária é fundamental também abordarmos o tema puberdade, que segundo Farias (2019), envolve principalmente mudanças físicas acentuadas que são de caracteres sexuais primários e secundários. De caracteres sexuais primário feminino podemos citar o desenvolvimento do ovário, útero e vagina, já do masculino podemos apontar o desenvolvimento dos testículos, da próstata e espermatogênese. Nos caracteres sexuais secundários se desenvolvem: Pelos pubianos, axilares e faciais, mamas, pênis e modificações de voz.

Farias (2019) ainda aponta que esse é o período de pico das transformações que o adolescente enfrenta, por muitas vezes essas mudanças ocorrem de forma turbulenta, visto que não foram escolhidas e surgem de forma repentina para o jovem. Além do fator surpresa que é passar pela puberdade, falta orientação à respeito das mudanças que estão acontecendo, alguns pais tem certa dificuldade para desenvolver esse diálogo, pois muitos deles, ao vivenciarem essa etapa não obtiveram instruções suficientes, ou mesmo corretas, e acabaram enfrentando as mesmas dificuldades que compõe a adolescência de seus filhos.

É fundamental entender que esse processo de crescimento envolve transformações no corpo, nas emoções, mudanças de pensamentos, formas diferentes de processar as informações, tendo em vista que as situações são outras, o comportamento também se diferencia uma vez que novas habilidades e atitudes precisam ser desenvolvidas, para que esse adolescente se adapte à nova fase nesse contexto ainda desconhecido, e possa assim ir alcançando sua autonomia enquanto indivíduo (FICHER et al. , 2018).

A Organização Mundial da Saúde compreende que essa fase começa aos 10 anos e prolonga-se até os 19 anos. Mas de acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente, LEI Nº 8.069/ art. 2º de 13 de julho de 1990, a fase adolescente é considerada dos 12 aos 18 anos. Segundo os dados do IBGE de 2020 essa população atingiu 24.091.26 milhões de habitantes.

Por mais que se tente apontar uma faixa etária específica para a passagem da infância para a adolescência, segundo Silvaes, Aznar-farias e Schoen-ferreira (2010), uma tentativa de universalidade do estágio da adolescência não é o ideal, visto que essas mudanças dependem de aspectos sociais, culturais e individuais, que moldam a forma de se viver esta etapa da vida.

Del Ciampo e Del Ciampo (2010) reforçam também que é na adolescência que grande parte de suas características se exteriorizam com maior intensidade, é onde o indivíduo começa a demonstrar com mais afinco suas crenças e valores. Avalia-se então que essas mudanças trazem resultados derivados de suas experiências

anteriores, que são transmitidas em grande parte pelo núcleo familiar, que por sua vez se torna um grande responsável pela formação social.

### **3.2 Sexualidade na adolescência**

A sexualidade é compreendida e simboliza como o indivíduo se apresenta e vive no mundo, uma forma de se expressar como homem ou mulher. Também reflete a subjetividade do sujeito, da maneira que lida consigo, com o corpo e as próprias questões internas (SANTOS, 2021). Entende-se que a sexualidade precisa ser vista além do ato sexual.

A sexualidade é muito mais que ato sexual, pois a sexualidade de todos leva marcas da cultura e da história de cada um e da sociedade que é o meio ao qual se está inserida. Hoje é possível reconhecer e admitir que a sexualidade se manifesta desde o começo da vida e que vai acompanhando o desenvolvimento do ser humano com o passar do tempo, mas essa visão nem sempre foi vista dessa maneira. (RODRIGUES E WECHSLER 2014, P.90 APUD AGUIAR, FARIAS, NANTES,2015)

Sendo fundamental em todo ciclo da vida, a sexualidade está ligado aos aspectos afetivos, ao prazer, às satisfações, aos sentimentos, à saúde e à liberdade. Sendo assim uma construção cultural, histórica e social, se transformando de acordo com as relações interpessoais. (Macedo,2013).

Desde o nascimento o homem já nasce com um sexo, mas os desejos, comportamentos e sentimentos interagem diretamente com as relações de gêneros e sua organização na sociedade, compreendendo que a sexualidade acompanha desde o nascimento, logo não podendo ser evitada. Todavia, na fase da adolescência ela começa a ser vivenciada com mais intensidade. (Dias e Zandonadi 2018 apud Silva e Frutuozo, 2015).

Segundo Osório (1992, apud Cano; Ferriani; Gomes, 2000) a adolescência é o ciclo da vida que está em fase de finalização estrutural da personalidade com a sexualidade inserida nesse movimento, resultando na estruturação da identidade adolescente e sua classificação no mundo social. Assim Dias e Zandonadi (2018, p.134) discorrem “A sexualidade é a estruturação para a formação da identidade adulta, é na fase da adolescência que ele irá buscar essa afirmação.”

Araújo (2015 , p.11 apud Bruzamarello, 2010) “Ao se abordar sexualidade com adolescentes ressaltase uma infinidade de ideias, perturbações, expectativas e dúvidas que são manifestadas ao longo desta etapa da vida”. E é nesse contexto que a sexualidade deve ser trabalhada sem tabus, medo ou vergonha, mas de forma que se compreenda e seja saudável. Ao abordar o tema sexualidade, não podemos deixar de citar que ainda tem sido considerado um tabu na sociedade brasileira, envolto de princípios morais e preconceitos, fazendo com que as crianças e adolescentes se sintam reprimidas em apresentar suas dúvidas e expectativas ao assunto. Talvez pelo fato de a sociedade associá-la a obscenidade, algo sujo, pecaminoso e proibido, as famílias encontram dificuldade para lidar com a sexualidade e sua transmissão de valores envolta do assunto. (ARAÚJO, 2015 apud GOÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013).

### **3.3 Educação Sexual**

Ao pensar em Educação Sexual, cogita-se em uma aula e ou conversa em que uma educadora, de forma intencional e planejada, explica acerca da sexualidade para criança e ou adolescente, em suma, alunas e alunos. (FIGUEIRÓ, 2013). Por sua vez, Araújo (2015) aponta que a educação sexual compreende em apresentar as condições necessárias para que o outro assuma o próprio corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livre de medos e preconceitos, vergonha, culpa e tabus.

Conforme ressaltado por ECOS – Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS, 2013), a educação sexual deve ser entendida como um direito que as crianças e/ou adolescentes têm de conhecer seu corpo e ter uma visão positiva da sua sexualidade; de manter uma comunicação clara em suas relações; de ter pensamento crítico; de compreender seu próprio comportamento e o do outro. Deve ser preocupação dos pais e educadores que os adolescentes tenham uma educação sexual sadia, pautado em valores e hábitos condizentes com a valorização da vida e com os direitos humanos.(GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013, P.252).

É importante salientar que a família é o primeiro grupo de contato da criança, então a família tem esse papel de responsabilidade fundamental na formação, sendo eles éticos, morais e sociais. Sendo assim os pais são os principais educadores, tendo por função educar sexualmente os mesmos (SANTOS, 2021). Mas ainda há uma certa

resistência quando se trata de educação sexual, pois muitos pais sentem-se constrangidos ao falar sobre o assunto, mesmo com muitos recursos que os auxiliem para a conversa (ARAÚJO 2015 apud RUIVO 2014), acreditando muitas vezes que os filhos são muito jovens para a tal conversa, ou até mesmo, o diálogo possa incentivar e antecipar a prática sexual precoce. (GOÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013).

Santos (2021), reflete sobre sociedade em que aquele adolescente está inserido, onde todos os espaços e relações acabam envolvendo-se diretamente na vivência do sujeito, questionando se é possível delimitar apenas um responsável para realizar esse papel de educador no desenvolvimento desses cidadãos, sendo que a construção se dá através de vários fatores, sendo eles sociais, culturais, econômicos, psíquicos, físicos, ambientais etc. Logo, afirmamos que a tarefa de promover essa educação sexual não é apenas da família e o ambiente escolar, e sim de todos, quanto sociedade.

### **3.4 O papel dos pais na educação sexual**

De acordo com Oliveira et al. (2016), o contexto vivido na atualidade pelos adolescentes, requer uma atenção maior por parte da família e da sociedade, uma vez que esses estão mais expostos aos riscos sociais, e vulneráveis quando o assunto educação sexual é tratado de forma superficial, como se fosse algo intocável, inacessível a essa faixa etária.

Gonçalves et al. (2013) traz que a educação sexual primeiramente é de responsabilidade da família, tendo continuidade no ambiente escolar, porém, alguns pais acabam se isentando da responsabilidade de passar informações com segurança de forma clara aos filhos adolescentes, por acreditarem que eles não têm idade para falar sobre tal temática, deixando assim, o adolescente descobrir sozinho e tirando suas próprias conclusões ao longo desse processo que é inerente ao indivíduo.

Então Santos (2021), mostra que é importante conhecer o ciclo vital familiar, ou seja, como essa família é constituída, as mudanças que ocorreu ao longo de sua

formação, como cada um desses membros entende e vivência a sexualidade, uma vez que cada indivíduo possui sua subjetividade.

Pontes *et al.* (2014) relata que os fatores socioeconômicos e educacionais também podem dificultar a comunicação entre pais e filhos sobre a educação sexual, uma vez que muitos pais, não possuem conhecimento, se sentem despreparados acerca do assunto, e ficam com medo de que seus filhos iniciem uma vida sexual precoce, o que traz insegurança ao adolescente e medo, levando-os a buscar informações com os amigos, na internet, por meio de filmes, séries, livros, que sanem suas dúvidas, no entanto algumas informações acabam não sendo seguras.

Silva e Castro (2018), corroboram que o despreparo dos pais e responsáveis e a insegurança em assumir o papel da educação sexual dos filhos, também está relacionada a educação sexual defasada que eles mesmo tiveram, o que acaba se tornando um tabu e gerando desconforto entre pais e filhos, onde o olhar acaba sendo voltado para o ato sexual e as questões genitais, ignorando as informações de higiene pessoal, questões emocionais e afetivas ao lidar consigo mesmo e com o outro, a busca de um profissional adequado para as diferentes demandas que envolve a educação sexual bem como o próprio processo da adolescência, que também requer informações claras por se tratar de novas transformações que envolve todo o corpo humano. Para Pontes *et al.* (2014, p.2286) faz se necessários que pais compreendam seu papel pois:

Todo adolescente tem o direito de ser orientado corretamente sobre sua sexualidade, e esta deve começar no próprio lar. É preciso um diálogo aberto entre pais e adolescentes, procurando esclarecer as dúvidas e desvendar os tabus, auxiliando-os no estabelecimento de critérios de causa e efeito na forma de encarar e se comportar frente ao exercício de sua sexualidade.

De acordo com Barbosa *et al.* (2019), os pais desempenham um papel importante na vida dos filhos adolescente, levando-os a compreender as mudanças biopsicossociais que ocorrem nessa etapa da vida, bem como o que diz respeito a sexualidade, acolhendo dessa forma as dúvidas, curiosidades desse adolescente, sem julgamento orientando para que o mesmo possa refletir, buscando com isso minimizar os riscos nessa etapa da vida.

Os pais ainda segundo Santos (2021), precisam cultivar um ambiente familiar agradável e acolhedor, onde o adolescente se sinta seguro para expor suas curiosidades, trazer suas demandas acerca do que o preocupa quanto a sexualidade e outras angústias a medida em que vão se desenvolvendo. Esse precisa ser o lugar de referência onde o adolescente se sinta confortável para buscar apoio, ainda que os pais não concorde em tudo com os filhos, é importante reconhecer que cada um possui sua singularidade e precisa ser respeitado, de acordo com os limites de cada idade.

De acordo com Pontes *et al.* (2014), é importante que os pais se conscientizem, da relevância em buscar conhecimento e ajuda de outras fontes e profissionais, para educar seus filhos no que se refere a educação sexual, pois assim poderão auxiliá-los de forma segura, contribuindo para que eles se tornem adultos mais preparados e tenham desenvoltura para dialogar sem distorcer as informações propagando mitos, insegurança, quanto ao exercício de sua sexualidade.

Santos (2021), enfatiza a importância dos pais exercerem seu papel de educadores, e colocar limites quando houver necessidade ensinando aos filhos que eles são indivíduos em potencial, e estão em processo de desenvolvimento e que as regras também fazem parte não só de casa, mas para que eles possam aprender a respeitar as regras da sociedade em geral, bem como conseguirem compreender que há uma necessidade de se respeitar, mas que o outro também precisa ser respeitado, para que haja uma interação saudável entre eles em todas as esferas da sociedade bem como no que desrespeita a educação sexual, para que haja um convívio adequado.

### **3.5 Profissional da Psicologia na educação sexual**

Ao falarmos de educação sexual é importante entender que esse trabalho deve ser realizado em diferentes frentes, não basta atuar apenas com o adolescente, pois se tratando de alguém menor de idade, este ainda está sujeito as regras e normas instituídas pelos seus responsáveis. Estender esse trabalho para os pais e/ou responsáveis é imprescindível, visto que estes também são reféns da falta de informação e através do conhecimento e do incentivo ao diálogo, pode se desenvolver

um vínculo mais forte, além de proporcionar um desenvolvimento psicosssexual mais saudável.

O Psicólogo antes de adentrar no campo da educação sexual, precisa está com a sua sexualidade bem resolvida, tendo em vista que ele trabalhará em um campo que requer uma visão ampliada e aberta, onde é necessário repensar nos preconceitos, sentimentos, tabus, atitudes, valores, enfim, se reeducar sexualmente. Se possível não apresentar uma vivência de transtornos sexuais, para efetivar sua atuação. (FIGUEIRÓ,2020).

De acordo com Figueiró (2020 apud MELO 2001, pg 132) sexualidade é “uma dimensão existencial, parte inseparável da condição humana, histórica, processual, mutável [...]”. Se a sexualidade é um processo que envolve sentimentos, emoções e faz parte da construção de identidade (Osório,1992 apud CANO; FERRIANI; GOMES, 2000) , significa que não abordar o assunto durante a terapia é separar esse elemento que faz parte de um todo daquele indivíduo e desconsiderar o seu desenvolvimento psicológico e sua saúde mental, mesmo que não seja de natureza a queixa apresentada pelo cliente.(FIGUEIRÓ,2020) .

Educar sexualmente é criar espaço para a pessoa rever seus preconceitos e tabus, aprender os conhecimentos e as informações necessárias e, especialmente, oportunizar a expressão de sentimentos, angústias e dúvidas acerca da sexualidade, o que pode ser feito, tanto no espaço escolar, com estratégias apropriadas, como no espaço da clínica. Educar sexualmente é, sobretudo, ajudar as pessoas a reeducarem-se, uma vez que a grande maioria delas recebe influências negativas no decorrer de seu desenvolvimento, tanto na família, quanto na escola e na sociedade, o que as conduz a construção de uma visão e de uma vivência pobres e, muitas vezes negativas, da sexualidade. (FIGUEIRÓ, 2020 p.132).

A autora, relata sobre a falta de oportunidade para os adolescentes conversarem abertamente e positivamente sobre sexualidade, seja em casa ou na escola. Sendo assim o psicólogo pode adentrar no tema juntamente com o adolescente,“Já que a educação sexual é muito mais que trabalhar informações e é, acima de tudo, sentimentos e atitudes, o espaço de terapia é bastante válido.” (Figueiró,2020 p.134). Esse espaço traz uma oportunidade para revisar as crenças os tabus sentimentos negativos e preconceitos que foram introjetados nos pacientes.

Esse trabalho favorece o autoconhecimento e a autoaceitação que são bases fundamentais do processo terapêutico.

Figueiró (2020) afirma que mesmo que o psicólogo não atue ou indefira o seu papel como educador sexual no espaço da clínica, estará atuando como tal, mesmo sem perceber todos somos educadores sexuais, tendo em vista que todos as pessoas em seu processo de construção de um modo geral, através das nossas atitudes comportamentos verbais ou não verbais e até com mensagens subliminares que são passadas quando fugimos ou esquivamos de falar sobre o assunto em terapia.

### **3.6 Psicólogo e a orientação aos pais**

Quando se fala em orientar pais de adolescente, não se pode pensar em uma receita pronta, pois cada indivíduo e família tem sua singularidade, o objetivo então é a tomada de consciência sobre a adolescência e suas particularidades. Nesse momento o terapeuta pode se apresentar de forma acolhedora, sem julgamentos, se colocando presente e atento a compreender o que os pais ou responsáveis estão vivenciando, principalmente suas angústias junto ao adolescente, para então ressaltar a manifestação que o cliente trás (PINHEIRO, 2013).

Quando o terapeuta passa a observar que cada encontro com pais de adolescente é único e significativo, então é necessário rever suas ferramentas de prática, e compreender que o atendimento pode se dar em diferentes tipos de ambientes, usando técnicas e recursos diversificados a fim de gerar mudanças, proporcionando a criação de um repertório para auxiliar as demandas que surgem ao longo dos atendimentos. (LIMA C; LIMA A, 2015).

Ao adentrar no campo da sexualidade com os pais e responsáveis, é fundamental tecer uma linha de trabalho cuidadosa, pois este tema ainda é cercado de ignorância, dúvidas e repressão. Sousa, Pinto e Barroso reforçam a dificuldade de trabalhar e falar sobre esse assunto ao afirmar: “Em nossa sociedade, o tema sexualidade ainda encontra-se cercado de mistério e tabus, o que, cremos, é indício de atraso, pois, dada a relevância do tema, deveria haver clara discussão entre adultos e adolescentes inexperientes” (2006, pg 409).

A dificuldade e os tabus envoltos no tema fazem com que esse seja pouco abordado, contribuindo assim com a disseminação da ignorância, pois as dúvidas não vão cessar, os autores ainda apontam que dada a falta de orientação e diálogo dentro do ambiente familiar, muitos adolescentes buscam informações com outros adolescentes, que são igualmente imaturos e isso gera uma cadeia de desinformação que conseqüentemente atrapalha um desenvolvimento psicossocial adequado (SOUZA, PINTO E BARROSO, 2006; ALMEIDA, COSTA E SILVA, 2005).

Almeida, Costa e Silva (2005) apontam que quando falamos em conversar sobre sexualidade no âmbito familiar, estamos falando de um diálogo entre gerações, onde muitas vezes os pais não compreendem que seus valores podem não ser iguais aos de seus filhos e mesmo que seja numa tentativa de protegê-los, muitos pais acabam por gerar mais conflitos, que em muitos casos podem prejudicar sua relação com eles.

Para desempenhar um trabalho assertivo com os pais, é vital entender que a falta de divulgação sobre o tema os atinge primariamente, a maioria não recebeu qualquer orientação sobre o tema e por isso mal sabiam o que estava acontecendo quando passaram pela adolescência, essa falta de informação os impede de participar e falar de forma aberta sobre o tema com os seus filhos. (FARIAS, 2019).

Ainda de acordo com Queiroz (2017), a orientação de pais e responsáveis se dá por meio de uma relação dialógica de respeito, responsabilidade profissional, ética, acolhimento e escuta, favorecendo então o processo de mudança desses pais à medida que se abrem a essa experiência de vivenciar o momento, onde novas estratégias são propostas a fim de que esse cliente alcance resultados assertivos por meio da terapia e sua prática de vida.

Ao desenvolver o seu trabalho o profissional irá atuar com os pais e responsáveis de maneira diferente se comparado ao adolescente, pois este traz valores mais arraigados e estruturados, além de uma experiência de vida muito maior. O psicólogo irá então tecer um trabalho informativo, respeitando assim a singularidade individual de cada família. Almeida, Costa e Silva (2005, pg 52) ressaltam essa

importância ao citar: “Ou seja, o profissional deve educar, mas sem impor padrões morais ou normas que se sobreponham aos da família”.

O psicólogo deve orientá-los sobre como se relacionar com seus filhos de forma mais harmoniosa, informando-os sobre as alterações ao longo do desenvolvimento humano nas diferentes fases, explicando também sobre o processo de socialização, e do impacto das práticas de educação, além de promover uma reflexão acerca dos valores sócio-histórico-cultural como propulsor das relações familiares (ALVES, 2005).

#### **4. CONCLUSÃO**

Ao longo da pesquisa realizada e os achados sobre o tema sexualidade voltado para adolescência, nos deparamos com diversas questões, como a atuação do Psicólogo na educação sexual e a escassez de informações, achando a maioria das vezes artigos voltados para a área da enfermagem. Tal informação, nos faz refletir se não está na hora do profissional de Psicologia começar a ter um olhar mais abrangente acerca do tema e promover interações e intervenções com o público alvo do artigo.

Como foi citado no decorrer da obra, falar sobre a sexualidade é poder desmistificar o conceito pré-determinado em nossa sociedade sobre o assunto além de ajudar os pais, os adolescentes, educadores, até mesmo o Psicólogo a repensar os próprios tabus, sentimentos, valores, para que haja em nossa sociedade um desenvolvimento.

Os estudos feitos até aqui, reconhecem a importância do profissional de Psicologia quando o assunto educação sexual é abordado, tendo em vista que o tema ainda é carregado de tabus e preconceitos pela sociedade, o papel do psicólogo é promover uma conversa saudável com pais e adolescente, sem impor padrões ou normas pessoais que sobreponha aos da família, passa a ser um facilitador nos processos educacionais.

Deste modo, o estudo breve possibilitou esclarecer o quão importante é o diálogo sobre sexualidade com os adolescentes, para que os mesmos passem por essa fase de forma saudável, sem culpa, sem medo, e com os pais, para que eles

saibam como manejar e lidar durante essa fase da vida que gera tantas mudanças biopsicossociais nos filhos.

Em suma, considera-se importante mais apurações e produções de pesquisas críticas por parte dos profissionais de psicologia que atuam como educador sexual, fundamentando em suas práticas e seu papel junto aos pais e adolescentes; orientações de como abordar o assunto de forma cuidadosa e efetiva; Ideias práticas de como propagar informações sobre o assunto de maneira que seja acolhida por todos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Djanira Soares O.; COSTA, R. L.; SILVA, T. M. Chega de tabu! A sexualidade sem medos e sem cortes. 2005. Disponível em: <https://www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%201/chegadetabu.pdf>. Acesso em: 2 out. 2021.

ARAÚJO, Alessandra Vanessa Simões de. O PAPEL DOS PAIS NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES: uma revisão integrativa [Trabalho de conclusão de Curso]. FACULDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM. PARAÍBA, 2015. Disponível em < <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/8827>> Acesso em: 7 abr. 2021.

BARBOSA, Luciana Uchôa et al. O silêncio da família e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência. *Ensino, Saúde e Ambiente*, v. 12, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21625>. Acesso em: 06 set. 2021.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; GOMES, Romeu. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latino-americana de enfermagem**, v. 8, p. 18-24, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/JPdDpJvBwBXGfc9WXgBCWHw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.

DA SILVA FARIAS, Thaiz Maira; DA SILVA NANTES, Elaine; DE AGUIAR, Sirlei Maria. FASES PSICOSSEXUAIS FREUDIANAS.. Disponível em < <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf> >. Acesso em: 4 mai. 2021.

DEL CIAMPO, Luiz Antonio; DEL CIAMPO, Ieda Regina Lopes. Adolescência e imagem corporal. *Adolescência e Saúde*, v. 7, n. 4, p. 55-59, 2010. Disponível em: [http://adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=246](http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=246). Acesso em: 14 jun. 2021.

DIAS, Michelly Kallyne Neves; ZANDONADI, Antônio Carlos. O papel da família e da escola: processo de educação sexual dos filhos. **Revista FAROL**, v. 7, n. 7, p. 132-143, 2018. Disponível em: <http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/149>. Acesso em: 06 set. 2021.

FARIAS, Isadora Pereira et al. "Puberdade: o que acontece comigo?"-validação de tecnologia educativa em saúde sexual e reprodutiva. 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/6810>. Acesso em: 06 out. 2021.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. O psicólogo e a Educação Sexual. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, v. 21, n. 40, p. 131-140, 2020. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatest/article/view/1301>. Acesso em: 25 out. 2021.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Revista Holos*, vol. 29, n. 05, p. 251-263,

2013. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784> . Acesso em: 10 set. 2021.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Holos*, v. 5, p. 251-263, 2013. Disponível em < <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481548607021.pdf> > acesso em: 10 abr. 2021.

GOVERNO FEDERAL. Cerca de 1 milhão de pessoas contraíram infecções sexualmente transmissíveis no Brasil em 2019. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/cerca-de-1-milhao-de-pessoas-contrairam-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-no-brasil-em-2019>. Acesso em: 6 out. 2021.

IBGE. Crianças e Adolescentes|1997. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9290-criancas-e-adolescentes.html?=&t=downloads> >. Acesso em: 8 jun. 2021.

CRELIER, Cristina. IBGE. PeNSE: uma em cada cinco escolares sofreu violência sexual. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31579-uma-em-cada-cinco-estudantes-ja-sofreu-violencia-sexual>. Acesso em: 6 out. 2021.

MACEDO, Senei da Rocha Henrique et al. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 66, p. 103-109, 2013.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para ação. *doxa*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Ana-Claudia-Maia/publication/341262997\\_EDUCACAO\\_SEXUAL\\_PRINCIIOS\\_PARA\\_A\\_ACAO\\_Doxa\\_v15\\_n1/links/5eb60a43299bf1287f77decf/EDUCACAO-SEXUAL-PRINCIIOS-PARA-A-ACAO-Doxa-v15-n1.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Ana-Claudia-Maia/publication/341262997_EDUCACAO_SEXUAL_PRINCIIOS_PARA_A_ACAO_Doxa_v15_n1/links/5eb60a43299bf1287f77decf/EDUCACAO-SEXUAL-PRINCIIOS-PARA-A-ACAO-Doxa-v15-n1.pdf). Acesso em: 10 out. 2021.

OLIVEIRA, A. K. M. et al. Ações educativas em saúde voltadas ao adolescente: um relato de experiência. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão, Florianópolis*, v. 13, n. 23, p.135-141, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/download/18070221.2016v13n23p135/32687>>. Acesso em: 5 set. 2021

PONTES, M. A., et al. Comunicação entre pais e adolescentes acerca da sexualidade. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, n. 1, p. 2282-2293, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5558844>. Acesso em: 10 set. 2021

RÜCKER, Eveline. Modificações corporais e psíquicas da adolescência frente à chegada da puberdade e sexualidade. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2015. 32 p. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/3052>. Acesso em: 10 maio 2021.

SANTOS, Juliano Coimbra dos. **A Culpa é do Tabu: conversando com pais e educadores de crianças e adolescentes sobre sexualidade humana**. Curitiba: Appris, 2021.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>. Acesso em: 14 jun. 2021.

SILVA, B.C.; CASTRO, R.D. Diálogos sobre sexualidade entre pais e filhos adolescentes dentro do contexto familiar. Revista Brasileira de ciência da vida. v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/611/294> Acesso em: 11 set. 2021.

SOUSA, Leilane Barbosa de; FERNANDES, Janaína Franscisca Pinto; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. Acta Paulista de Enfermagem, v. 19, p. 408-413, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002006000400007>. Acesso em: 07 out.2021

CABRAL, Umberlândia. IBGE.PNS: 64,6% dos homens com 15 anos ou mais de idade já eram pais em 2019. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31446-64-6-dos-homens-com-15-anos-ou-mais-de-idade-ja-eram-pais-em-2019>. Acesso em: 4 nov. 2021.